

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	24.º Anno — XXIV Volume — N.º 823	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	35800	18900	6950	5120	10 DE NOVEMBRO DE 1901	Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 21 A 29 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	26000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	26500	—	—		



DR. PATROCÍNIO DA COSTA
FALLECIDO EM 31 DE OUTUBRO DE 1901

Em 31 de outubro ultimo, pelas quatro horas da madrugada, falleceu n'esta cidade o lente da Escola Polytechnica dr. João Ignácio do Patrocínio da Costa e Silva Ferreira, natural de Brago, e filho de José Joaquim da Costa.

Nascido em 9 de novembro de 1837, estava prestes a completar os 64 annos de idade.

Na Universidade de Coimbra recebeu o grau de bacharel nas faculdades de philosophia e mathematica, habilitando-se depois para o doutoramento, que lhe foi dado em 1870.

Passado algum tempo entrou para o lyceu nacional de Vizeu, onde assumiu a regencia das cadeiras de mathematica elementar e de lingua grega.

Estando vaga uma substituição na cadeira de mathematica na Escola Polytechnica de Lisboa, veio á capital para se oppor no concurso, alcançando a nomeação de substituto em 29 de maio de 1880.

O dr. Patrocínio da Costa era um tanto excêntrico, pelo que gosava de grande popularidade

entre os academicos. Era apaixonado pela musica, tendo frequentado outr'ora assiduamente o Real Theatro de S. Carlos. Contava-se grande numero de anedoctas relativas ao seu *dilletantismo* lyrico.

No cultivo das boas letras tambem se revelou vantajosamente, publicando á sua custa varias obras, das quaes vimos citadas as seguintes:

Artaxerxes, drama, imitação de Metastasio, 1868.

Theses ex applicata mathesi, 1869.

Haverá vantagem no ensino da mechanica racional em subordinar a theoria do equilibrio dos corpos á do seu nascimento? Dissertação inaugural, 1869.

Determinação de funções analyticas. Estudos sobre analyse infinitesimal, 1873.

Com esta obra entrara no concurso para uma vaga de substituto na faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra.

Belisarioide, colleção de poesias, 1875.

O dr. Patrocínio da Costa publicou esta obra

sem o seu nome, porém nunca negou a paternidade, e dedicou-a á memoria do estimado poeta satyrico Faustino Xavier de Novaes.

Viagens do systema planetario. Poema satyrico, 1875. — Teve duas edições.

Linhas geodesicas, dissertação para o concurso na Escola Polytechnica de Lisboa, 1877.

A peste em Florença. Comedia lyrica em 3 actos, 1878.

Greve de dansantes. Comedia lyrica em 2 actos, 1882.

Josephine. Opera comica em 4 actos.

O suffragio universal. Opera comica em 1 acto.

Por causa dos Lazaristas. Opera comica em 1 acto.

Romeo e Julieta. Poema heroico, 1804.

Hero e Leandro. Poema de Musou. Traduzido em metro hendecasyllabo solto, 1807.

Nova colleção de pequenas produções litterarias, 1900.

A sua ultima produção foi:

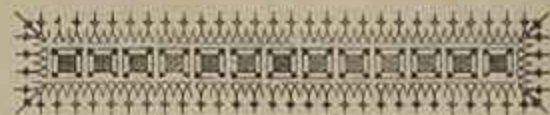
O rapto Calmon. Dois paragraphos addicionaes ao poema heroico *Romeo e Julieta*, 1901.

Além de lente da 4.ª cadeira de mathematica da Escola Polytechnica, o dr. Patrocínio da Costa, pertencia ao corpo docente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa.

Embora as excentricidades do seu viver, era o extinto de muito boa convivencia, e de verdadeira modestia.

O seu funeral foi bastante concorrido, vendo-se no prestito diversos lentes da Escola Polytechnica e do Instituto Industrial e grande numero de alumnos das duas escolas, que tambem lhe velaram o cadaver e depozeram corôas sobre o athaude.

Ao geral sentimento que causou o fallecimento do illustrado professor ajuntou-se ainda uma coincidência triste: a da morte, quatro horas depois da do dr. Patrocínio, da sua antiga governante, Josefa Hermudez Parga, que se encontrava doente havia bastante tempo.



CHRONICA OCCIDENTAL

Assumpto de monta: hostilidades entre a França e a Turquia.

O ministro Delcassé, n'uma das ultimas sessões da camara dos deputados, explicou as origens do actual conflicto e quaes eram as pretensões da França. Disse que o governo precisava da absoluta confiança da camara.

A ordem do dia apresentada pelo deputado radical Rivett e pelo republicano Chastenot, declarando que a camara confiava no governo para fazer respeitar os interesses e a honra da França, foi approvada por 305 votos contra 77, havendo 90 abstenções.

A divisão naval, que a França mandou ás aguas da Turquia, commandada pelo vice-almirante Caillard, é composta dos sete navios mais rapidos da marinha franceza.

O vice-almirante Caillard desembarcou as suas forças em Mytileng, onde logo tomou posse das alfandegas. Os habitantes pediram que a ilha fosse annexada á Grecia.

Apezar da chegada da esquadra, era opinião geral em Constantinopla que o sultão não daria completa satisfação á França.

O sr. Bapst, conselheiro da embaixada, actualmente encarregado de negocios da França em Constantinopla, relativamente ao *irade* assignado pelo sultão com respeito á divida Lorando, communicou a Teufik-pachá que julgava a satisfação insufficiente, pois que não se especificavam as condições do pagamento.

Posteriormente o sr. Bapst dirigiu á Sublime Porta uma nota em termos imperativos, formulando novas reivindicações, especialmente o reconhecimento legal da escola franceza e de todos os estabelecimentos de beneficencia ou de culto collocados sob a protecção franceza e o reconhecimento do patriarcha chaldaico. Assim o communicaram de Constantinopla para o jornal *Le Temps*, de Paris.

Nas aguas da Turquia devem brevemente reunir-se esquadras da Grecia, Inglaterra e Italia.

Diz-se que a Turquia dispunha apenas de um couraçado e um cruzador com que pudesse oppor-se á esquadra franceza.

Quanto a attitudo futura das outras potencias n'esta grave questão, dividem-se as opiniões. De Vienna telegrapham ao *Daily Telegraph* que para evitar complicações a França deve abster-se de tomar Smyrna ou Salonica, porque a primeira consequencia de um acto d'este genero seria o apparecimento nas aguas turcas dos navios de guerra inglezes e austriacos.

A *Correspondencia de Berlim* mostra-se pouco sympathica aos francezes, falando de miseravel questão de dinheiro e de credores usurarios.

Entretanto telegrammas de Londres dizem ser opinião geral que a França procede n'este conflicto absolutamente de accordo com todas as mais potencias europeas. Telegrammas posteriores annunciam que o Sultão acceptou as condições impostas e que a esquadra franceza retirará brevemente.

Tempo seria effectivamente de falarmos um pouco menos de guerras, que a força de se tornarem assumpto de conversação, parecem ser coisa banal como a chuva e o bom tempo.

E ver como n'um cantinho de jornal se escondem agora as noticias de inglezes e boers, que entretanto na Africa do Sul lá continuam a espingardear-se, como se isso fosse missão dos homens n'esta terra.

Cá por casa tambem andámos um bocado agitados no domingo em que se realizaram as eleições municipaes, mas alora os simples telegrammas que ainda assim enchiam columnas dos jornaes noticiosos, pouco mais, no genero considerações politicas, deram ellas para se escrever. Grande maioria de vereações regeneradoras, eis o resultado final.

A politica vae aquecendo com a approximação da abertura das camaras. Accordos que se rompem, como era de prever, dão esperanças de sessões agitadas, o que é sempre mais interessante.

A Arcada vae-se animando e com ella toda Lisboa, onde já começam a apparecer as caras conhecidas do inverno.

Já outro movimento teem de tarde a Avenida e o Chiado, por onde as senhoras passam mostrando suas toilettes novas da estação. Chegam de todos os pontos do paiz, encontram-se agora, cumprimentam-se com alegria. O verão de S. Martinho tem feito suas caretas, mas uma ou outra de suas tardes tem-se portado honestamente, em harmonia com a tradição. As tuas teem-se animado, os theatros vão tendo mais gente. Verdade é que bastante diligencia teem todos feito para chamar o publico.

Cascaes é que ainda de si dá noticias de quando em quando, prolongando quanto pôde o seu tempo, já por novembro fóra.

Entretanto está nos ultimos arrancos e a debandada foi grande logo que se annunciaram no theatro D. Amelia as primeiras recitas de Clara Della Guardia.

A ultima festa ali realisada foi o esplendido baile em casa dos ministros de Allemanha, srs. condes de Tattenbach.

D'aquí a dez dias só ficarão em Cascaes e Estoril os que teem o bom gosto de ali passar todo o inverno.

E a Lisboa novidades não faltam.

A maior de todas, a mais fallada, foi a estreia no theatro D. Amelia da muito formosa actriz italiana Deila Guardia, que escolheu para sua apresentação ao publico, a celebre Zaça, que já viramos pela Rejane, pela Rose Syma e dezenas de vezes em portuguez pela Anjo Pinto.

Apezar dos confrontos, Della Guardia foi applaudida, porque é realmente uma actriz de talento, o que não é vulgar, e cheia de mocidade, o que é rarissimo.

Leva uma actriz muitos annos geralmente a con-

quistar sua fama e estar de posse completa de todos seus recursos. Quando é grande, quando realmente sabe todos os segredos da sua arte, falta-lhe geralmente a mocidade, o grande condão para enthusiasmar.

Della Guardia caminhou depressa e, se não é artista que por ora se compare a outras que ultimamente vimos em Lisboa, o caminho em que vae ha de levar-a longe, com tal velocidade inicial.

Mais por informações que por testemunho proprio escrevemos o que ahí vae. Uma bronchite teimosa deixou-nos apenas assistir, ainda assim com máu modo dos visinhos, aos tres primeiros actos da *Zaça*. Não vimos a *Fernanda* nem a deliciosa *Musotte*.

Tem-nos entretido estes dias a tossir na cama e a ver o que nos dizem os jornaes.

E' que sabemos o que nos custa estar n'um theatro e, por detraz de nós ou ao nosso lado ou na nossa frente, termos um homem que espirra, que tosse, que se assõa, que chora, que limpa as lagrimas, que se estorce na cadeira, e funga, e suspira, e cospe e nos interrompe na nossa attenção e nos põe de máu humor. E ainda peores que o da bronchite são os que o mandam calar e ainda fazem mais bulha com os seus *schins!* e as suas queixas e mais nervosamente fazem tossir o desgraçado.

Metti-me na cama e nunca mais vi a Della Guardia.

Por esse mesmo motivo não dou aqui noticia das *Manobras Conjugues* que não vi no theatro do Gymnasio, original portuguez do sr. Raphael Ferreira, cujo entreccho contado pelos jornaes é deveras graciosissimo e interessante, sendo por si bastante para recomendar a peça. Dizem-a escripta sem uma escabrosidade. Mais um motivo para a recommendação.

No theatro do Principe Real, em festa artistica de Adelina Ruas, representou-se o *Az de Páos*.

Nós, sempre a tossirmos, está claro que não fomos ver.

E pena tivemos realmente, porque essa é que é deveras uma actriz de talento, a Adelina, alma de verdadeira artista, das maiores de que se tenha honrado a scera portugueza.

Duas peças de auctores distinctos, portuguezes representará este anno: *O Gebo* de Raul Brandão e outra de Lopes de Mendonça, que a está escrevendo, seduzido deveras pelos altos recursos da actriz a quem vae entregar o primeiro papel.

Alguns elementos novos, que este anno figuram na companhia do theatro do Principe Real, são valiosissimos: Joaquim d'Almeida, dos primeiros actores portuguezes, Setta da Silva, um bom comico, Amelia Pereira, uma ingenua gentilissima, de talento indiscutivel.

Raul Brandão apresenta-se pela primeira vez só na scena. *A Noite de Natal*, representada ha dois annos no theatro de D. Maria e que foi escripta de collaboração com Julio Brandão, tornou no theatro conhecido seu nome já notavel como de prosador distincto.

Lopes de Mendonça seguir-se-ha com seu original cheio de scenas patheticas, que deverão produzir a maior commoção.

Anno cheio para o Principe Real.

O talento de Adelina Ruas era digno de chamar a attenção dos dois illustres dramaturgos.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

A nova canhoneira torpedeiro Tejo

A reconstrução da marinha de guerra portugueza, iniciada com a aquisição dos novos cruzadores, cuja historia opportunamente fizemos, e com a transformação do nosso arsenal de forma a produzir os grandes trabalhos que tão dependentes nos tornavam das fundições e estaleiros do estrangeiro, tem-se affirmado brilhantemente, primeiro com o cruzador *Rainha D. Amelia* e agora com a canhoneira-torpedeira *Tejo*, cujo lançamento á agua se effectuou com toda a solemnidade no dia 27 do mez findo.

O dia estava bello, de bom sol de outomno, e a multidão, aproveitando tão encantadora festa a um domingo, accorreu com grande força ao arsenal, acolhendo com saudações festivas o deslizar

no Tejo do novo barco, em que tremulava a bandeira portugueza, que tanto refulge na historia dos mares. O enthusiasmo attingiu os menos expansivos e um côro de aclamações se ouviu quando o navio, impellido pela mão de sua magestade a rainha sr.^a D. Amelia, cortou as aguas do Tejo, então em preamar.

O espectáculo era surpreendente n'aquelle momento, tanto no Arsenal como no rio, onde os navios nacionaes e estrangeiros tinham as bandeiras içadas nos topos. Defronte do local do lançamento estacionavam alguns vapores e grande numero de outros barcos, apinhados de gente, curiosa de presenciar tão bello espectáculo.

A *Tejo* entrou na agua sem o minimo incidente e foi amarrar á boia que lhe destinaram.

Pouco antes da chegada de SS. MM. para assistirem á cerimonia do lançamento, teve logar a bênção da nova canhoneira, que foi lançada por Mgr. Sant'Anna, o capellão mais antigo da armada.

A nova canhoneira, foi construida segundo os planos traçados pelo sr. engenheiro Groneau e cujos trabalhos teem estado a cargo do sr. Berthé, no que respeita ao casco, e do sr. Tonzé, relativamente ás machinas, aquelle sob a direcção do engenheiro naval sr. Pedro dos Santos e este do sr. Guimarães, tambem engenheiro naval.

As dimensões do novo barco, de cujo typo damos a gravura, são as seguintes:

Comprimento total, 76^m,600; comprimento entre perpendiculares, 70^m; boca na fluctuação, 7^m; boca no grosso 7^m,3; pontal, 4^m; profundidade da carena, 2^m,50; deslocamento, 532 T, 711.

Os alojamentos serão para 4 officiaes e o commandante e a guarnição n'um total de 80 praças.

O armamento constará de 7 peças de tiro rapido, sendo uma de 65 ^m para fogo em caça e 6 de 47 ^m á amurada, tres por bordo; dois tubos lança-torpedos, á vante, um a cada bordo e uma peça de 10 c. á ré.

As caldeiras são de alta pressão, systema multitubular, e as machinas de triplíce expansão, da força de 7:000 cavallos, e já estão mettidas a bordo.

O navio terá tambem um mastro, á vante, para signaes, a sua velocidade foi calculada para 25 milhas por hora, pelo menos, sendo as machinas construidas no nosso arsenal.

A conclusão d'estas ultimas, porém, posto que adelantada, ainda demora algum tempo.

O raio de acção d'este barco será de 3:000 milhas, tendo um aprovisionamento de 70 toneladas de carvão.

O plano primitivo marcava, a ré, um tubo lança-torpedos, montado em pião gigante, a descoberto na tolda; mas esse tubo foi substituido nas mesmas condições, pela peça de 10 c., já acima indicada.

Tambem, primitivamente, a tiragem das caldeiras era para ser feita por duas chaminés; mas para ser mais convenientemente activada passa a ser feita por quatro.

O casco é construido em aço especial, de grande resistencia, material de que pela primeira vez se faz uso no nosso paiz, em construcção d'esto genero.

E' sem duvida alguma mais um poderoso navio de guerra, com que se augmenta a nova marinha de guerra, e cuja construcção affirmam os entendidos, é a mais perfeita possível.

A *Tejo*, que é destinada á defeza das costas, parece que ficará sendo o navio chefe dos torpedeiros da nossa marinha.

CASA DE LAMAS EM VIEIRA DO MINHO

Vieira é a região assignalada no extremo do Minho, e fronteira á provincia de Traz-os-Montes, onde rebentou a revolução da Maria da Fonte. Da freguezia dos Anjos, pertencente ao seu concelho, e uma das que mais se extremou na guerra fratricida, era nativo o celebre padre Casimiro, *general defensor das cinco chagas e commandante das massas populares*, nas quaes se alistaram quasi todos os homens validos d'aquelle freguezia.

O horisonte da sede do concelho que é o logar de Brancelhe, é todo de serras alterosas, constituindo quasi um circo, menos pelo sudoeste. O Gerez limita-lhe o norte e o noroeste; a leste a Cabreira e a serra de Rossas.

O agreste da paisagem dulcificado por campos feracissimos, onde se cultivam milho e feijão com uma producção extraordinaria, e cortados de vistosos castanheiros e carvalheiras seculares, encanta a alma e revigora o corpo, pois talvez não haja no paiz outra região de ares mais puros, aliando a formosura das campinas e dos valles á atmosfera das altitudes.

Muitas casas de *vielle roche*, e da construcção característica dos seculos anteriores se descobrem.

nas encostas das serranias ou dominando os vales, e dando a nota alegre a paisagem.

De entre ellas offerecemos hoje aos leitores a reprodução da que nos pareceu mais typica, já pela sua construcção, ou antes pelo conjuncto das suas construcções que não obedeceram a um plano harmonico, e por isso mesmo lhe augmentam a estranheza que attrahe apenas se avista, já pelas preciosas qualidades de nobreza e distincção dos seus actuaes possuidores.

A illustre e opulenta casa de Lamas é situada no logar de Brancelhe, séde da villa, concelho e comarca de Vieira; e pertence ao sr. dr. Alvaro José de Miranda Magalhães pelo seu casamento com a ex.^{ma} sr.^a D. Margarida Emilia Rebello Vieira de Lemos, elle mesmo descendente das nobilissimas familias Mirandas, Magalhães, Gardosos e Menezes, morgados de Ruiuaes, com brazão de armas outorgado por Carta Regia de D. José I, de 5 de agosto de 1775.

As armas dos Lemos, que encimam a porta principal da casa de Lamas constam de um escudo partido em palla. Na primeira, as armas dos Lemos, que são em campo vermelho cinco quadernas de crescentes de ouro em fautor. Na segunda as dos Vieyras, em campo vermelho seis vieyras de ouro em duas pallas. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife de metal e cor das armas. Timbre dos Lemos: uma aguiá vermelha armada de ouro com uma quaderna das armas no peito, sahindo de um ninho de silvas da sua cor, e por differença uma brica de prata com uma almofada de azul.

Este brazão foi outorgado por Carta Regia de D. Maria I a 19 de outubro de 1779.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 821)

1897-1898

Mathilde de Lerma era uma joven, hespanhola mas sem salero algum, dotada de uma bella voz de soprano, forte e extensa; como cantora era apenas regular, e como actriz era muito mediocre e sem-saborona. Foi bastante applaudida na opera *Aida*, de Verdi. Pateada na opera *Ugonotti*, de Meyerbeer, quando substituiu Litvinne, deu lugar a que na noite de 12 de feveiro de 1898, fosse preso, por um official da policia, o espectador Carlos Ribeiro da Silva, chefe da campanha contra a empreza, e que, muitas vezes, em noites anteriores, havia pateado com menos razão. Do publico, ninguém se importou com tal prisão; que differença de tempos! quando nas pateadas figuravam D. Alvaro Romo, Luiz Forjaz, Campos Valdez, marquez de Castello Melhor, etc., um procedimento analogo da policia fazia levantar uma massa de espectadores, que com estrondosa pateada protestava contra tal acto.

O mais engraçado, é que esta desengraçada hespanhola que, a principio fôra alvo dos tiros dos inimigos da empreza, tornou-se notavel depois, por ser tomada como ponto de apoio, por esses mesmos inimigos da empreza, que se tornaram campeões d'aquella prima donna nas suas dissensões com Pacini, para manejarem a glavanca da guerra contra este empresario, como adiante se dirá.

Ernestina Bendazzi Garulli, esposa do tenor Garulli, já era conhecida do publico de S. Carlos, pois n'este theatro tinha tido grande exito, na estação de 1886-1887. Apresentou-se d'esta vez só na opera *Carmen*. A sua voz já não tinha os predicados que outr'ora manifestara. A tessitura da obra prima de Bizet tambem lhe não estava bem. Mas, artista intelligente e boa cantora, conseguiu, apesar da sua figura excessivamente *mi-gnonne*, sustentar o character da protagonista.

Alfonso Garulli, tenor afamado, e que, antes de começar a epocha theatral, estivera gravemente doente, em Italia, tinha a voz estragada, pouca força nos agudos, e feio timbre, salvo no canto a *fiore di labbro*, em que era primoroso, e em que a voz era agradável. Era cantor distincto e bom actor.

Carlo Cartica tinha uma voz de tenor magoifica. Havia muitos annos que se não ouvia em Lisboa uma voz de tanta belleza. Volume, extensão, malleabilidade, timbre avelludado e agradável, tanto nos fortes como nos *pianissimos*; taes eram as preciosas qualidades de tão peregrina voz. Como cantor e actor era fraco. Disse esplendidamente alguns trechos, que lhe haviam sido ensinados por um intelligente e paciente maestro. Ruffaefe Grani tinha boa voz de tenor, mas

muito inferior á de Cartica: era porém melhor cantor.

Hector Dupeyron era um tenor francez, com voz possante, mas pouco agradável. Como cantor e actor era apenas soffrivel.

Guglielmo Anastasi Pozzoni era filho do tenor Anastasi, e da celebre Antonietta Pozzoni que figurára brilhantemente no palco de S. Carlos, posto que já na declinação, e quando abandonára os papeis de soprano pelos de meio soprano. Era um joven advogado, que iniciara em Lisboa a sua carreira artistica. Debutou na opera *Andrea Chenier*, de Giordano, em substituição do tenor Cartica, que se dizia estar doente, e agradeceu, mostrando-se cantor correcto. Mas a sua voz era fraca e de timbre baço, e durante toda a epocha não mostrou desenvolver-se.

Mario Ancona era um barytono que possuia bella voz e bom methodo de canto; era além d'isso, actor intelligente. Agradou muitissimo.

Completavam a companhia lyrica outros artistas de algum merecimento; taes eram: o barytono Beltrami, já conhecido do anno anterior; o barytono Bellati, o baixo Contini, os sopranos Biondelli e Scalatelli, o meio soprano Rosa Garavaglia, e os comprimarios, tenor Ragni e dama Lina Garavaglia.

A bailarina Esther de Saint-Signy era elegante e dançava com graça. Era muito caracteristica a sua dança na opera *Sansone e Dalila*, de Saint-Saëns.

A ausencia de danças, que tem caracterizado a exploração theatral n'estes ultimos annos, faz com que alguma bailarina mais distincta, que appareça sobre a scena de S. Carlos, só possa mostrar sua pericia, na arte de Terpsichore, nos bailados de alguma opera.

Tres novas operas levou a empreza Pacini á scena n'esta primeira epocha da sua gerencia: *Andrea Chenier*, de Giordano, *Sansone e Dalila*, de Saint-Saëns, e *Mario Welter*, do maestro portuguez Augusto Machado, já muito apreciado pelo publico de S. Carlos, pelas suas operas *Lauriana* e *Doria*, anteriormente representadas com muito exito n'este theatro.

As operas novas foram bem postas em scena; especialmente a primeira; vestuario muito aceitado; costumes apropriados e correctos, feição que durante muitos annos havia sido pouco cuidada no theatro de S. Carlos. Sendo tudo, porém, alagado, scenas, decorações, etc., a guarda roupa do theatro não enriqueceu.

Nos domingos 6, 13, 20 e 27 de março, de dia, verificaram-se no salão do Conservatorio, na rua dos Gaetanos, concertos historicos promovidos pelo pianista Rey Collaço.

No 1.^o concerto foram tocados no piano pelo abalizado artista Rey Collaço trechos dos seculos xvii e xviii (1668 a 1788), de Sebastião Bach, Philip E. Bach, Couperin, Daquin, Haendel, Rameau, Scarlatti; figurando um cravo feito em Portugal no seculo xviii (1760), emprestado pelo professor Ernesto Wagner.

Cantou M.^o Sarti alguns trechos de Pergolèse, Scarlatti, Martini e Paesello.

No 2.^o concerto foram ouvidos trechos de Haydn, Mozart, Beethoven. Tocou piano Rey Collaço; cantou M.^o Sarti.

No 3.^o houve musica de Weber, Schubert, Mendelsohn. Tocou Rey Collaço e cantou M.^o Chabry.

No 4.^o foi executada musica de Schumann e Liszt. Tocou piano Rey Collaço e cantou M.^o Chabry.

Por varias vezes se annunciou nos cartazes a opera *Ernani*, de Verdi, em que devia debutar a cantora portugueza Isabel Gomes, cujo nome não figurava, como outros tambem, no elencho official da empreza. Mas, por pretexto de varias doencas, não chegou a ir á scena.

Na noite de 2 de março de 1898, no salão da Sociedade de Geographia, na rua de Santo António, em beneficio da Missão Ultramarina, houve um sarau, em que cantaram Tetrizzini, Parsi, Lerma, Cartica e Anastasi, acompanhando ao piano os maestros Campanini e Sarti.

Recitaram os actores Mello, Ferreira da Silva, Taborda; discursaram Emydio Navarro e José d'Alpoim. Fizeram assalto de esgrima Sebastião Heredia e Antonio Martins. Apesar de figurar no programma, Francisco Andrade não compareceu. Foram alvo de grandes ovações Tetrizzini e Parsi. A dama De-Lerma foi pouco applaudida; disse-se então que ficara por isso muito zangada e despeitada; facto que, segundo se disse, originou dar-se por doente e não querer cantar no theatro no dia seguinte, resultando dissensões com o empresario, que logo serviu de pretexto para os inimigos da empreza resolverem dar a esta um forte ataque, como adiante se dirá.

A nova empreza Pacini & C.^o foi, a principio, acolhida com extrema sympathia e benevolencia do publico. A assignatura enorme assegurou-lhe desde logo proventos certos. Sem assignaturas o theatro de S. Carlos não pôde viver. Basta dizer, para se vêr o que seria o theatro sem, ou com poucos assignantes, que havendo n'esta epocha de 1897-1898, grandes difficuldades para qualquer pessoa avulsa encontrar camarote ou lugar de platéa, em recitas de assignatura, por se acharem assignados quasi todos os lugares, tendo a empreza, por isso, dado duas recitas extraordinarias, fóra da assignatura, uma com a opera *Andrea Chenier*, outra com a *Bohème*, n'esta segunda recita já o theatro ficou longe de se encher!

A principio a epocha theatral marchou tão bem, tão brilhantemente, já pelo numero de bons artistas, já pelos espectaculos, de operas bem desempenhadas, e boa, e equitativa distribuição pelas duas series de recitas de assignaturas, impares e pares, que os inimigos da empreza, acharam-se impossibilitados, por falta de apoio, ao menos moral, do publico e assignantes, de encetar a guerra contra a empreza no theatro. Foi a começar das recitas extraordinarias que ganharam animo.

As primeiras manifestações appareceram, ainda timoratas, com alguma, pouca e fraca pateada, á dama Lussan no seu debute na *Carmen*, na primeira recita extraordinaria de assignatura.

Reproduziram-se as manifestações de desagradão, na terceira recita de assignatura extraordinaria, no debute da dama Litvinne, na opera *Ugonotti*, apesar da debutante ter pedido desculpas, por se achar doente, ou antes por estar com medo.

Taes manifestações eram, porém, insignificantes, mas a auctoridade policial, que durante repetidas recitas as deixou passar sem opposição, lembrou-se, na noite de 12 de feveiro de 1898, de empregar meios coercivos contra a guerra á empreza.

Cantava-se n'esta noite a opera *Ugonotti*, de Meyerbeer, substituindo Matilde de Lerma a Dama Litvinne, que anteriormente tinha desempenhado o papel de Valentina; a execução da opera e o publico nada ganharam com tal troca, systema detestavel e ante-artístico, seguido ha alguns annos n'este theatro, d'esta continuada troca de artistas nos mesmos papeis na mesma epocha theatral. Tendo sido pateada a dama De-Lerma por alguns espectadores, um official do corpo de policia desceu a plateia, e, como já ficou dito prendeu Carlos Ribeiro da Silva, um dos pateantes.

Foi, porém, só na noite de 3 de março de 1898, que a primeira verdadeira borrasca colheu a nova empreza.

Devia dar-se n'esta noite a opera *Pagliacci*, de Leoncavallo, e o terceiro acto da opera *Ugonotti*, de Meyerbeer, tudo com a Dama De-Lerma. Como já dissimos, esta cantora que, na vespera, na Sociedade de Geographia, havia sido pouco applaudida, declarou-se doente, e impossibilitada de cantar, apesar dos medicos da empreza declararem que não lhe encontravam doença alguma.

E' tradição, que, quando um cantor declara não poder cantar, por estar doente, é geralmente, uma falsidade; pelo contrario, muitas vezes, doentes na verdade, os artistas vão cantar, com grave prejuizo d'elles e do publico. Entretanto casos ha, em que de veras se acham impossibilitados de cantar, mesmo sem doença visivel á inspecção medical.

Fosse como fosse, a empreza ainda tentou substituir De-Lerma por uma debutante residente em Lisboa; mas, ou por ter reconhecido n'essa nova dama incapacidade, ou por que recessasse, que isso daria pretexto, aos seus inimigos, para lhe promoverem grande pateada, ou por outro motivo, emfim desistiu d'essa idea, e vista a declaração dos medicos recorreu, segundo se disse, á mediação do consul de Hespanha, e intervenção da policia, affirmando-se então que, a dama De-Lerma, fóra conduzida ao Governo Civil, e intimada para cantar n'essa noite; e assim obrigada, a *signorita* De-Lerma apresentou-se em scena no primeiro acto da opera *Pagliacci*.

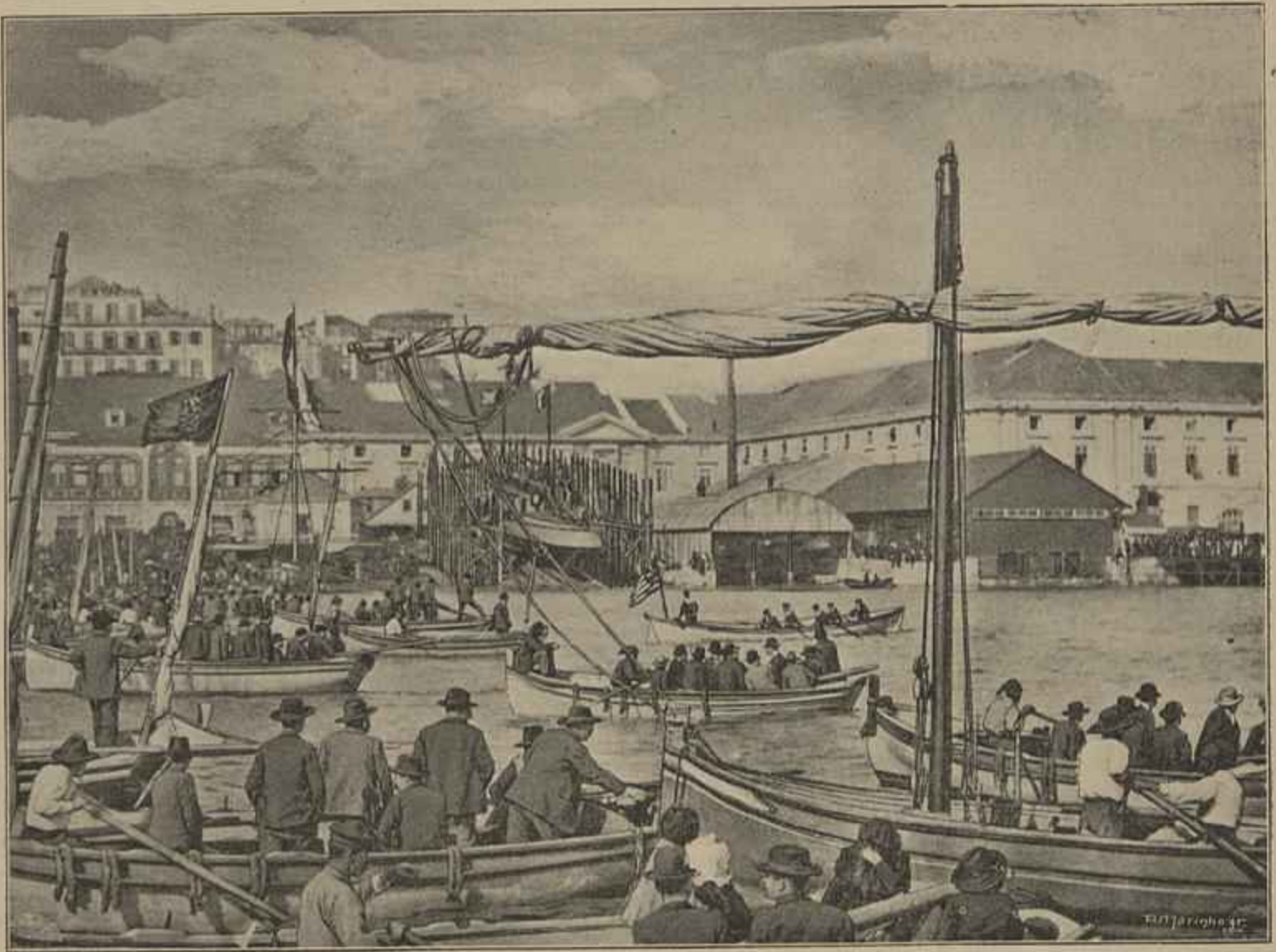
(Continúa)

F. da Fonseca Benevides.

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XXI

Vamos hoje indicar aos nossos leitores um novo processo de viragem, o qual pode facilmente ser preparado pouco antes do seu emprego, resultando, por conseguinte para todos os amadores que se queiram utilisar d'essa formula que adiante mencionamos, uma vantagem grande.



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — LANÇAMENTO AO MAR DA CANHONEIRA TORPEDEIRO «TEJO», 27 DE OUTUBRO DE 1901.

A solução é a seguinte :

Água	350 gr.
Chloreto d'ouro	0,50 "
Bicarbonato de soda.....	8,60 "

A mixtura obtida apresenta uma coloração negra tendente para o azul.

A viragem por meio de banho torna-se não só rápida como uniforme. Antes, porém, de mergulharmos as chapas, na solução acima indicada, ter-se-ha o cuidado de lavar as provas na ocasião em que estas forem tiradas do chassis-prensa.

Um ou dois minutos é o tempo necessário para se obter a viragem completa e precisa das provas photographicas.

Se lavarmos em seguida a chapa e a fixarmos n'um banho de hyposulphito de soda a 10^o/₁₀₀, teremos d'esta forma, obtido o resultado desejado.

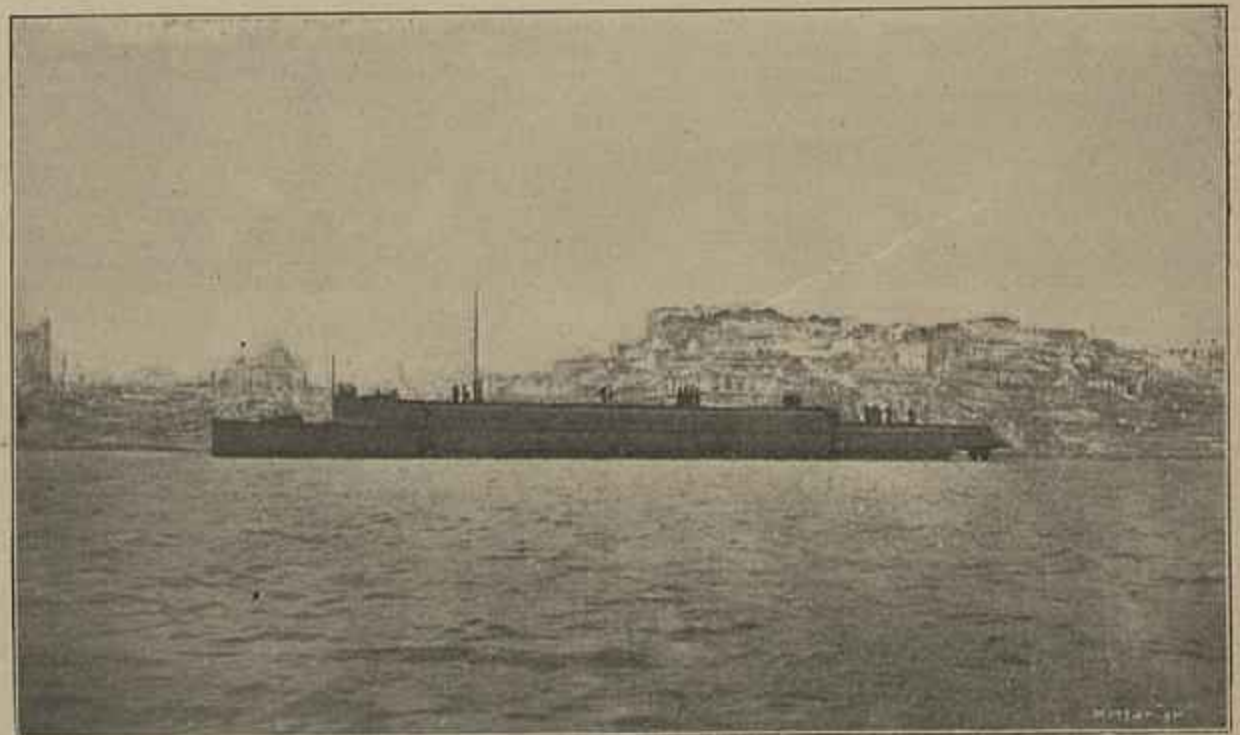
XXII

Obter uma colla inalteravel para provas photographicas tem sido um dos pontos mais difficeis de serem resolvidos pelos amadores d'esta arte. Indicaremos, hoje, um producto que parece preencher, senão perfeitamente, pelo menos satisfatoriamente, essa lacuna. Tomar-se-ha 500 grammas d'agua, e n'uma parte d'essa agua, far-se-ha inchar 5 gr. de gelatina, fazendo-se em seguida, uma especie de pasta, n'uma caçarola, juntamente com 50 gr. de arrow-root. Ferver-se-ha o todo até a ebulição tendo o cuidado de mexer constantemente com o fim

da massa não adherir ás paredes da caçarola, e depois de se ter deixado resfriar alguma cousa, lança-se o contheudo n'uma cuveta, juntando-se-lhe 1 gr. de acido phenico n'uma solução de 50 gr. de alcool, ou ainda se o cheiro do phenol for demasiadamente, incommodo, 50 centímetros

cubicos de uma solução de bichloreto de mercúrio a 1^o/₁₀₀.

Findas estas operações, obtem-se então, a massa inalteravel, a qual pode ser conservada n'um frasco, sem perigo de ser modificada a sua constituição.



A CANHONEIRA TORPEDEIRO «TEJO» NO RIO



VIEIRA DO MINHO — TRAZEIRAS DA CASA DE LAMAS
(Cópia de photographia)

ESCOLA DE MUSICA DE CAMARA ¹

Eis uma instituição nova, que representa um admirável esforço de alguns entusiastas e uma brilhantíssima promessa para um meio tão desprotegido e tão retrahido como o nosso.

Uma escola para a musica de camara: reunir todas as aptidões, todos os elementos que possam produzir-se convenientemente n'esta especialidade artistica, dividil-os em grupos, oriental-os no caminho da grande Arte, adestral-os em todas as difficuldades proprias da musica de camara, e finalmente incital-os ao trabalho por meio de apresentações e concertos periodicos — eis o bello sonho artistico que está prestes a realizar-se.

Coube á *Sociedade de amadores de musica de camara* a gloria de ter imaginado este grandioso projecto e cabe-lhe a justa satisfação de o ver posto em pratica.

A trabalhar desde 1898 incessantemente, a lutar com espantosos obices de toda a natureza, a pequena mas corajosa *Sociedade*, apoz o esforço de alguns concertos em que se produziu de fórma a merecer o elogio de toda a gente, encontrou-se de mãos atadas, á mingua de elementos voluntariosos com que pudesse proseguir. E não desanimou, apesar de tudo isso, no seu nobre proposito.

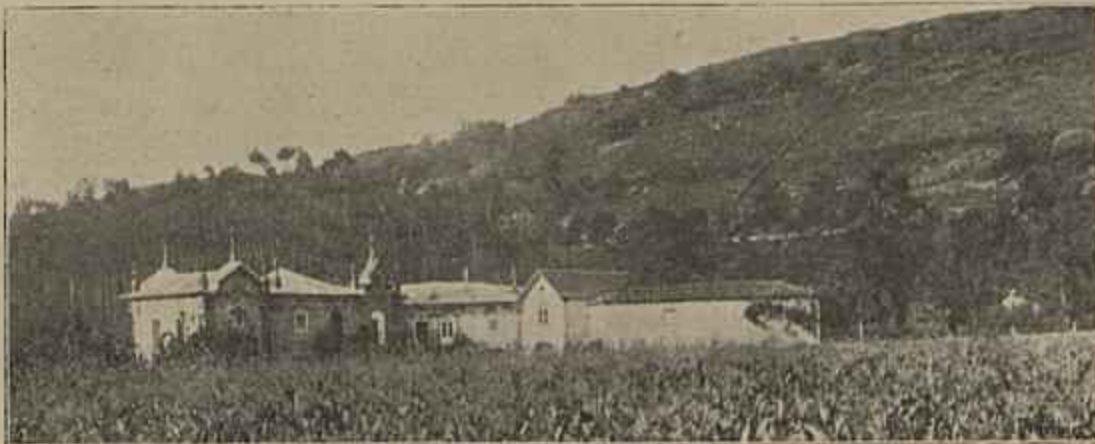
Sentimos que a absoluta carencia de espaço nos não permitta hoje entrar em pormenores acerca da organização d'este promettedor instituto artistico e que só o possamos fazer d'aqui a quinze dias.

Mas querendo concretisar em duas palavras os elevadissimos intuitos da *Escola de Musica de Camara*, bastará dizer que o seu proposito se resume n'isto: — ensinar e produzir — as duas palavras que devem soar melhor a ouvidos portuguezes.

O *modus faciendi* é singelo tambem: — uma subscrição mensal de 1.5000 réis, como imposto de Arte, a todos aquelles que quizerem dotar o seu paiz com esta preciosa instituição, tendo ainda

a vantagem material de assistir gratuitamente a todos os concertos — e uma joia de 5.0000 réis para os que tenham de aproveitar mais directamente dos beneficios da *Escola*, na qualidade de alumnos executantes.

O conselho director da *Escola* compor-se-ha de um Presidente, que será um dos nossos primeiros artistas, de um Professor para cada uma das especialidades (instrumentos de corda, de so-



VIEIRA DO MINHO — FRENTE DA CASA DE LAMAS
(Cópia de photographia)

pro e de teclado) e de um Administrador exclusivamente encarregado da parte financeira do projecto.

Para a leccionação e ensaio dos instrumentos de corda, já foi contractado o illustre professor hespanhol D. Francisco Benetó, um dos mais gloriosos nomes artisticos do visinho reino.

Como se sabe, D. Francisco Benetó foi durante onze annos discipulo do nosso querido amigo e illustre professor D. Andres Gofij, concluindo a

sua primorosa educação no Conservatorio de Paris, sob as vistas de Marsick e White. O que vale D. Francisco Benetó, como concertista, já o publico tem tido occasião de apreciar innumeradas vezes. Tem portanto o prestigioso artista a sua reputação já feita entre nós e deve ser para todos um motivo de legitimo orgulho e satisfação, saber-se que tão notavel mestre se propõe a fixar a sua residencia entre nós, para intuitos tão elevados, sendo de mais a mais certo que postergou, em nosso favor, uma honrosa nomeação de Professor, em um dos Conservatorios mais importantes do estrangeiro.

Assim, tem a nova *Escola* os melhores elementos de vida. Possam os nossos amadores e artistas comprehender a elevada missão a que ella se propõe e concorrerem todos para que tal melhoramento se realice com o brilho, que sob todos os pontos de vista merece.

Está lançado este grande e bello projecto e a sympathia com que tem sido acolhido por todos aquelles que presam o nosso progresso e querem sinceramente ver engrandecida a nossa Arte é o melhor estimulo que podia ambicionar a nascente escola.

Não tem faltado mesmo a habitual maledicencia e a tacanha inveja de certos detractores d'officio, cuja tibieza e incapacidade para produzir seja o que for de util é o unico pretexto que encontram para amesquinhar as iniciativas dos que tra-

balham de coração. E essa mesma attitud dos taes detractores d'officio é ainda uma gloria para os iniciadores da promettedora escola.

O certo é que é já avultado o numero dos subscriptores e não tardará que se encerre a inscripção, visto estar no intuito dos fundadores circumscrever o numero dos seus associados, no limite do indispensavel, de forma a que os elementos componentes da nova escola se distingam todos por um elevado nivel social e artistico.

N'essa ordem d'ideias fizeram circular um prospecto em que vão descriptas as principaes condições em que a *Escola* vae funcionar.

O insigne pianista Alexandre Rey Colaço, o mais ardente e auctorizado propugnador da Musica de Camara entre nós, foi convidado para assumir a presidencia effectiva da Escola.

Relembrar aqui os altissimos serviços que a nossa Arte e em especial a Musica de Camara tem prestado esse notavel professor seria ocioso e inutil, tão arraigada está em toda a gente a persuasão de que o movimento evolutivo do gosto musical entre nós se deve quasi exclusivamente ás suas audazes e frequentes iniciativas d'Arte; ninguém esqueceu ainda as admiraveis series de concertos que deu durante diversas epochas com o mallogrado Hussla e com dois artistas portuguezes de incontestavel valia, Gazul e Cunha e Silva e ninguém ignora o beneficio extraordinario que resultou para a nossa Musica d'essas suggestivas lições.

Antevendo, com a sua finissima intuição, que o emprehendimento d'hoje não era mais que a continuação, ou antes a consequencia da sua propria obra, o glorioso artista não hesitou um momento



VIEIRA DO MINHO — ENTRADA DA CASA DE LAMAS
(Cópia de photographia)

¹ D'A Arte Musical.

A Tuberculose (Defeza individual)—Lisboa, 1901.

O presente volume é publicado pela commissão de propaganda da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

Abre com uma formosa e inspirada allegoria desenhada e offerecida á Assistencia por Sua Magestade El-Rei, presidente d'aquella commissão.

Tão bello livro foi escripto pelo sr. dr. J. Curry da C. Cabral, presidente da sub-commissão de divulgação, que proficiente-mente se desempenhou da nobre missão que se impoz, o de «habilitar toda a população indistinctamente a entrar com efficacia, em defeza propria, no combate contra a tuberculose».

E fal-o de uma forma cabal, clara, persuasiva e convincente. Com taes qualidades o livro é um manual valioso para a defeza individual da tuberculose, e cuja leitura todos devem fazer e propagar.

A Dama das Camélias—Romance por Alexandre Dumas, filho—Tradução de Antonio Bandeira—Edição illustrada e de luxo—Editor F. Pastor—Lisboa, 1901.

Alcançam ao n.º 24 os fasciculos presentes d'este notavel romance que ora logrou ter entre nós uma edição bastante luxuosa e em optimo papel. Folheando estes fasciculos fica-se encantado com a nitidez da impressão a côres e belleza das gravuras em madeira, dispersas profusamente pelo texto e devidas ao lapis de um moço desenhador tão modesto como talentoso e que se subscrive Alonso. O trabalho typographico, em composição e ornamentação com vinhetas de phantasia, acompanha brilhantemente o suggestivo romance. Quanto á edição não ha, pois, que dizer. Nunca se publicou entre nós, com tão graciosas paginas, qualquer obra litteraria, ao que se ajunta a modicidade do preço.

Quanto á traducção é esmerada tanto quanto licito se tornava esperal-a de um dos nossos mais distinctos escriptores da moderna geração.

A Madeira Illustrada—Numero unico—Commemorativo da visita de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos I e de Sua Augusta Esposa a Rainha Senhora D. Maria Amelia—Junho de 1901.

Por iniciativa e sob a direcção do sr. Augusto Forjaz Pereira de Sampaio, com a collaboração artistica dos srs. conde de Torre Bella e Joaquim Augusto de Souza, se publicou o presente album illustrado e descriptivo da ilha da Madeira, n'uma edição luxuosa, em grande formato e fino papel.

Inserer magnificos retratos de Suas Magestades e muitas e primorosas gravuras originaes, reproduzindo os edificios, as localidades e sitios mais pittorescos de toda a formosa ilha.

A's naturaes bellezas d'aquella perola do Oceano, ajunta-se a graça das descripções, pelo que *A Madeira Illustrada* é sem duvida uma das mais interessantes publicações que despertou a viagem real ás ilhas.

Encontra-se á venda pelo preço de 500 réis, nas principaes livrarias e no deposito geral, Rua do Marechal Saldanha, 31, Lisboa.

O REAL THEATRO DE S. CARLOS



PIETRO MASCAGNI

Diversas revistas portuguezas:

A semana—revista litteraria e illustrada—Angra do Heroismo.

Por occasião da viagem real ás ilhas dos Açores e Madeira, publicou a redacção d'esta interessante revista angrense um bello numero extraordinario, com oito paginas, profusamente illustradas e impresso a côres diversas.

Voç da Caridade—revista mensal illustrada—Covilhã.

O producto liquido d'esta boa publicação é destinado ao pão de Santo Antonio, estabelecido na parochial de Santa Maria Maior, d'aquella cidade.

Sombra e luz—revista mensal de letras, arte, photographia e sport—Porto.

Sob a esclarecida direcção do sr. Augusto Gama, apresenta-se esta revista muito perfeita em todas as secções. Como o seu titulo indica, é especialmente dedicada ás artes graphicas, offerecendo magnificas estampas nitidamente impressas, e curiosas provas do processo das tres côres.

O Passatempo—revista quinzenal illustrada—Lisboa.

Continúa collaborada pelos melhores escriptores esta nova revista lisbonense e procurando variar as suas illustrações.

A Esperança—revista colonial, popular, encyclopedica, publicada pela direcção do Almanach luso-africano, de que a revista é supplemento mensal—Braga.

Este hebdomadario é dedicado, em geral, a todos os que desejam saber e não teem dinheiro

para possuir nem tempo para lêr muitos livros, jornaes e revistas, e consagrada, em especial, á juventude colonial e ao professorado primario de Portugal e Brazil, desempenhando-se cabalmente dos seus nobres intuitos.

Voç de Santo Antonio—revista mensal illustrada—Braga.

Excelente revista, que já conta sete annos e foi abençoada por SS. o Papa Leão XIII, pelo Ex.º Ordinario e varios prelados.

O latego—quinzenario de critica ás letras, artes, politica e costumes portuguezes—Porto.

Esta publicação é redigida pelos conhecidos escriptores José Agostinho e Antonio Figueirinha.

Arte musical—revista publicada quinzenalmente—Lisboa.

Proficiente-mente dirigida por Michelangelo Lambertini, é, sem duvida, a melhor publicação no seu genero, que sae dos prelos portuguezes. Collaboração selecta e edição luxuosa, merece com justiça o apreço que lhe dedicam os especialistas. Agora pugna a elegante revista pelo projecto de uma escola de musica de camara, utilissima instituição que será presidida pelo notavel pianista Rey Colaco.

Portugal Agricola—dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias—Lisboa.

Iniciou ha pouco o seu 13.º anno de publicação este importante periodico, pelo que felicitamos cordealmente o seu digno director sr. J. Achilles Ripamonti.

Annuario e almanachs:

Annuario da Escola do Exercito—Anno lectivo de 1900-1901.

A' semelhança d'outros estabelecimentos de instrucção superior do paiz, tambem a Escola do Exercito tem publicado o seu annuario, livro muito util para os lentes e alumnos, que n'elle teem methodicamente compendiados os seus deveres e obrigações. Deve-se o arranjo do annuario ao digno official da bibliotheca, sr. Francisco Augusto de Magalhães, illustrado capitão de estado-maior de infantaria.

Echos agricolas—Revista mensal—Comunicações da casa Henry Bachofen & C.º—Lisboa—1901.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

Para 1902

Está publicado este primoroso annuario profusamente illustrado e com uma linda capa a côres, que é uma surpresa.

Preço 200 réis brochado, cartonado 300 réis, pelo correio accresce 20 réis de porte. Pedidos á

EMPRESA DO «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo—LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

O maior successo litterario da actualidade

O DICCIONARIO DAS SEIS LINGUAS

EM UM SÓ VOLUME

O Diccionario das Seis Linguas não é uma obra vulgar. Cabe a Portugal a honra de ter apresentado á Europa culta um livro utilissimo a **todas as classes.**

Francez, Alemão, Inglez, Hespanhol, Italiano, e Portuguez

Edição da **EMPRESA DO «OCCIDENTE»**—LISBOA

Premiada na Exposição Universal de Paris de 1900

40 RÉIS CADA FASCICULO

Assignatura para Portugal, Açores e Africa portugueza.—Séries de 20 fasciculos 840 réis. Séries de 40 fasciculos 13680 réis Moeda forte. Estrangeiro, India e Brazil.—Séries de 20 fasciculos 950 réis. Séries de 40 fasciculos 17900 réis, moeda forte.

O preço será augmentado logo que a publicação termine.—Estão publicados 100 fasciculos

Assigna-se na **Empresa do OCCIDENTE, Largo do Poço Novo, LISBOA,** nas principaes livrarias e no deposito no Porto, **Centro de publicações de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro.**

